



**Hortas comunitárias agroecológicas como alternativa ao modelo
agroalimentar industrial em Sete Lagoas - MG**

*Agroecological community gardens as an alternative to the industrial agri-food model
in Sete Lagoas - MG*

CARDOSO JR, Paulo H. ¹; OLIVEIRA, Rúbia Lúcia²; MATRANGOLO,
Walter J. R. ³

¹ Universidade Federal de São João del-Rei, phcardosoj@gmail.com; ² Universidade
Federal de São João del-Rei, rubia@ufsj.edu.br; ³ Embrapa,
walter.matrangolo@embrapa.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo

As hortas comunitárias de Sete Lagoas - MG tornaram-se referência no que diz respeito à segurança alimentar e à agricultura familiar. Abrangendo cerca de 320 famílias, o programa de hortas comunitárias nasceu diante do desemprego e da ocupação de ambientes ociosos. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica e visitas técnicas, demonstrou a relevância desses espaços como ambientes socioeducacionais de produção de alimentos sem agrotóxicos, além do aumento de renda dos(as) produtores(as) por meio de propostas benéficas como CSA e CCCA. Apesar dos obstáculos enfrentados, como o individualismo e limitações no amparo público, as hortas fortalecem-se como políticas públicas de relevância, evidenciando que a agricultura urbana é apta a transformar territórios, conectar produtores/as e consumidores/as, além de incorporar medidas econômicas, sociais e ambientais no espaço urbano.

Palavras-Chave: agricultura familiar; segurança alimentar; desenvolvimento local.

Keywords: Family farming; Food safety; Local development.

Contexto

A agricultura urbana tem, por definição, práticas que abrangem o cultivo, produção, distribuição e o processamento de diversos produtos alimentícios no interior ou na periferia de uma localidade, aplicando os recursos humanos e materiais acessíveis na área urbana ou em seu entorno (MOUGEOT, 2000; ARRUDA & ARRAES 2011).

O plantio de hortaliças em áreas urbanas na América Latina, Ásia e África, desde a década de 1980, obteve alto impulso como estratégia de sobrevivência para populações mais vulneráveis, comprometidas por crises econômicas (MAXWELL, 1995; BRYLD, 2003). O início do século XXI, no Brasil, é fortemente marcado pelo apoio às hortas urbanas, sendo integrado às políticas nacionais de redução de pobreza, garantindo segurança alimentar para centenas de famílias através de iniciativas como o Programa Nacional de Agricultura Urbana (CASTELO BRANCO & ALCÂNTARA, 2011).



Uma das vantagens desse modelo agrícola é a sua execução em pequenas áreas, onde o cultivo pode ocorrer em quintais, terraços, pátios, ou em hortas comunitárias — espaços públicos ou comunitários não urbanizados cedidos para tal finalidade (MOUGEOT, 2000). A procura por modelos de agricultura menos impactantes ao meio ambiente que sejam capazes de promover a inserção social de produtores populares tem encaminhado para cultivos alternativos, alinhados a conceitos agroecológicos (CAPORAL & AZEVEDO, 2011).

O município de Sete Lagoas - MG tornou-se referência nacional e internacional no que diz respeito ao programa de hortas comunitárias SAT (Sem agrotóxicos) e os produtos oriundos da agricultura familiar. Este programa gera trabalho e renda há aproximadamente 44 anos, desde seu surgimento. Atualmente com quase 320 famílias distribuídas ao redor do município, o programa social surgiu no ano de 1982, tendo em vista a necessidade da implementação de políticas públicas relacionadas aos espaços socioambientais, com base em dois dos principais problemas: o desemprego acelerado devido à crescente urbanização acarretada pelo êxodo rural, e a ocupação de lotes ociosos e áreas abaixo de redes eletrificadas da CEMIG sem função social.

A cidade de Sete Lagoas, segundo o último censo realizado em 2022 pelo IBGE, identificou a existência de 227.397 habitantes e densidade demográfica de 423,51 habitantes por km². Em 1980, sua população era de 100.000 habitantes. Em parceria com a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais), que fornece orientação técnica aos(as) agricultores(as), a Prefeitura do município regula e define a distribuição de terras e o funcionamento das hortas para as famílias inseridas no programa.

Alguns desafios enfrentados diariamente por agricultores(as) predominam desde a fundação do programa social. A Prefeitura, órgão financiador e responsável pela política pública de produção de alimentos no município, falha no cumprimento dos acordos definidos, conforme os(as) produtores(as) locais relataram nas visitas técnicas. Como destaca NETA & CALBINO (2024), alguns conflitos são observados no que tange ao assistencialismo, no qual o protagonismo nas tomadas de decisões se restringe aos assistentes técnicos, fazendo do produtor um objeto passivo e sem participação ativa.

Descrição da Experiência

O modelo de hortas comunitárias se apresenta como uma alternativa importante para os produtores locais que buscam uma atividade diária e um complemento de renda, podendo se desenvolver física, mental e espiritualmente, uma vez que alegam o potencial terapêutico ao cuidar e lidar com o meio ambiente. O texto trata-se de uma revisão bibliográfica documental e uma breve pesquisa de campo que ocorreu pelo autor por meio das disciplinas de Sociologia e Extensão Rural e Agroecologia do curso



13º CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA

Agroecologia, Convivência com os Territórios
Brasileiros e Justiça Climática



de Engenharia Agrônoma, pela UFSJ, campus Sete Lagoas, no primeiro semestre de 2024, a partir de duas visitas técnicas às hortas Montreal e Vapabuçu, coordenadas pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, respectivamente. No decorrer da análise de campo, por meio de diálogos com produtores(as), foram geradas proposições de intervenções através das demandas técnicas mencionadas, fomentando o debate sobre alguns dos principais desafios enfrentados por agricultores(as) de ambas as hortas.

Segundo MELO et al. (2018), relatos de famílias demonstram conflitos internos voltados ao individualismo e falta de união, o que enfraquece a relação entre os(as) agricultores(as), dificultando as trocas sociais. O município conta com sete hortas espalhadas por diferentes bairros, sendo Vapabuçu a mais conhecida, com 80 famílias inseridas no programa, acompanhado de Cidade de Deus, Barreiro, JK, Montreal, Nova Cidade e São Paulo, somando no total 23 hectares de área útil.

As famílias interessadas em adentrar ao programa devem se cadastrar na Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sustentabilidade, Desenvolvimento Econômico e Turismo de Sete Lagoas (SEMADETUR); em seguida, são submetidas à análise de vulnerabilidade socioeconômica pela Assistência Social. Após o estudo socioeconômico, constatando-se a demanda familiar, encaminham-se as respectivas famílias para uma das hortas, recebendo um canteiro de aproximadamente 320 m².

Alimentos como alface, couve, cebolinha, cenoura, tomate, abóbora, repolho, rúcula e entre outras hortaliças são cultivadas e vendidas diretamente pelos produtores, seja através de entregas nas próprias hortas, onde o(a) produtor(a) realiza contato direto com o consumidor, em feiras de produtores ou entregas a domicílio.

Com o passar do tempo, conforme o aparecimento da demanda, surgiram projetos sociais como “Horta Social”, visando a distribuição gratuita de alimentos para associações beneficentes do município; CCCA (Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos) que serve como canal de escoamento onde consumidores se organizam em grupos e recebem cestas semanais e o CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), em Sete Lagoas no ano de 2015, funcionando como uma rede solidária de comercialização através de feiras em pontos estratégicos da cidade, além de projetos de extensão realizados pela UFSJ envolvendo docentes e discentes, tornando-se um espaço de aprendizagem e extensão universitária, o que permite a troca de saberes entre agricultores, professores e estudantes.



Figura 1: A - Produtores da horta no bairro Cidade de Deus; B - Horta Cidade de Deus; C - Canteiros localizados abaixo das linhas de transmissão de energia. Fonte: Prefeitura Municipal de Sete Lagoas - ASCOM.

Resultados

Os resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica documental e a pesquisa de campo realizada pelo autor trazem à tona uma realidade agrícola marcada por avanços fundamentais, mas também por dificuldades que não podem ser ignoradas. De modo positivo, nota-se que a implementação de uma Rede Solidária de Comercialização (CSA) e os Circuitos Curtos de Comercialização (CCCA) serviram de ferramenta para ampliar os ganhos dos(as) agricultores(as), além de diversificar até mesmo a produção, uma vez que alimentos não produzidos anteriormente passaram a fazer parte do cotidiano dos agricultores(as), conforme afirma (MELO et



al, 2017). Algumas famílias alegam aumento de renda de até 30% na receita mensal após a implantação do CSA, o que permitiu a redução da dependência de agentes intermediários, reforçando a ligação direta com os consumidores (MELO et al, 2017). A maior oferta de hortaliças cultivadas sem o uso de agrotóxicos fortalece a segurança alimentar local, o que proporciona à população acesso a alimentos não contaminados.

No entanto, os pontos positivos vão de encontro aos desafios estruturais que, por muitas vezes, acabam comprometendo o funcionamento dessas iniciativas. Observou-se na pesquisa de campo e através das pesquisas bibliográficas que a lógica individual se manifesta nas relações interpessoais entre os produtores; nesse caso, o isolamento entre os mesmos e, conseqüentemente, a ausência de atividades que reforcem um bem coletivo, resultaram no aumento da proliferação de herbívoros devido ao manejo individualizado nos canteiros.

O individualismo vem através de uma lógica de competição, detalhe que dificulta o conceito de práticas agroecológicas que requerem união, coletivismo e solidariedade. A definição de “comunitária” é questionada pelos(as) agricultores(as) do presente relato, conforme declara MELO et al (2017) no relato do Produtor 1, que afirma: “*A gente trabalha aqui dentro da horta, mas é cada um por si. Aqui ninguém ajuda os outro não, é cada um cuidando do seu e pronto. E ainda tem umas coisas que some aqui dentro, que ninguém sabe pra onde vai, só pode ser roubo de gente aqui de dentro mesmo*” (Produtor 1, 2016).

Diante do exposto, os resultados evidenciaram que, apesar dos desafios apresentados e sob o panorama dos avanços, as hortas comunitárias constituem uma política pública bem-sucedida, proporcionando retornos econômicos e geração de renda aos(as) produtores(as), além de aumentar o abastecimento e a segurança alimentar na região. Mais do que isso, as hortas também atuam como agentes transformadores da paisagem, proporcionando mais áreas verdes em meio à cidade. Assim, percebe-se a importância da criação e do desenvolvimento de políticas públicas de viés agroecológico em espaços urbanos, que promovam e incentivem a agricultura como fator primordial para a saúde, economia e relações socioambientais.

Referências bibliográficas

NETA, Eugênia M.; CALBINO, Daniel. Contradições e desafios da atuação estatal nas hortas comunitárias: o caso do município de Sete Lagoas – MG. Cadernos de Agroecologia, v. 19, n. 1, 2024.

MELO, Angelina M.; CALBINO, Daniel; FIGUEIREDO, Yuri G.; SILVA, Fabiola P. da; CARVALHO, Erika R. de O.; Desafios das práticas agroecológicas no Contexto do associativismo em hortas comunitárias no município de Sete Lagoas – MG. Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 1, 2018.

CALBINO, Daniel; BORGES, Iran; ANDRADE, Luis; ABREU, Caroline; GONÇALVES,



13º CONGRESSO BRASILEIRO DE
AGROECOLOGIA
Agroecologia, Convivência com os Territórios
Brasileiros e Justiça Climática



Fernanda. Avanços e desafios das hortas comunitárias urbanas de base agroecológica: uma análise do município de Sete Lagoas - MG. COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 14, n. 2, jul./dez.2017

SILVA, Maurício de O.; FREITAS, Helder R.; SANTOS, Vivianni M. L. dos; Hortas urbanas como espaços de alimentação saudável, bem-estar, educação e conservação ambiental. In: Transição agroecológica e territorialidades: concepções, experiências e desafios. p. 216–225, 2023.

ARRUDA, Juliana; ARRAES, Nilson, A.; Análise do programa de hortas comunitárias em Campinas-SP. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 9, n. 1, 2011.

MAXWELL, Daniel, G.; Alternative food security strategy: a household analysis of urban agriculture in Kampala. Food Policy, v. 23, p. 411-424, 1995.

BRYLD, Erik; Potentials, problems, and policy implications for urban agriculture in developing countries. Agricultural and Human Values n. 20, p. 79-86, 2003.

CASTELOBRANCO, Marina; ALCANTARA, Flávia. A.; Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira? Horticultura Brasileira, v. 29, n. 3, p. 421-428, 2011.

MOUGEOT, Luc. Agricultura urbana: conceito e definição. Revista de Agricultura Urbana, n.1, p. 5-12, 2000.

CAPORAL, Francisco R.; AZEVEDO, Edisio O. Princípios e perspectivas da agroecologia. Curitiba: IFET, 2011.